

NESSE ANTIGO TESTAMENTO, O PROFETA ESTÁ DE VOLTA

Está de volta ao *Jornal do Brasil* o nosso Tristão de Athayde. Deus seja louvado e conserve o único jovem que está podendo falar claro, para que a conjuntura pátria possa ter, por muitos anos ainda, o testemunho profético deste enorme cristão. Tristão, a diocese de Nova Iguaçu fica feliz porque você está de volta. E pede licença para transcrever sua reflexão do JB-8/4/77 sobre as três vozes que, entre outras, não estão podendo falar o seu recado ao povo brasileiro:

"Sem voz e sem eco, eis o que podemos dizer do povo brasileiro, neste momento mediocre e inexpressivo de sua História, 13 anos depois de uma experiência maldograda. Estamos vivendo uma era sem eco, sem repercussão, sem reações. Os acontecimentos passam sem deixar traços de sua passagem. Como se vivêssemos num deserto. Ou num país sem homens e sem idéias (quando não nos faltam nem estas nem aqueles), segundo a frase célebre de um dos próceres da Revolução de 30. Se esta não conseguiu desfazer o que havia de verdade nessa interjeição pessimista, muito menos a de 1964, que agravou o diagnóstico sombrio de então.

O pretexto com que a lançaram foi a ameaça de uma antidemocracia esquerdista. Hoje vivemos, não mais sob a ameaça, mas sob a pressão de uma antidemocracia direitista. Embora, sem dúvida, em condições muito melhores do que alguns de nossos vizinhos... Nossos próceres ainda hoje nos previnem contra os males do totalitarismo comunista. Mas nada nos dizem dos males do totalitarismo fascista, muito mais próximo e perigoso que, por não aceitar o nome, nem por isso consegue esconder os sinais de sua natureza. E esses se traduzem praticamente por essa ausência de voz e de eco, que denuncia todo regime autocrático.

Pois há três vozes que nunca faltam aos regimes políticos livres: a voz da Inteligência, a voz do Trabalho, a voz da Mocidade. Sem o eco que as acompanha, toda pretensão democrática é uma im-

postura. A ausência dessas três vozes, ou, pior do que isso, a sua repressão latente ou patente, é o sinal infalível do mal que nos aflige. Temos disso exemplos recentes ou mesmo permanentes. Um dos acontecimentos que tentaram romper essa barreira antiacústica foi sem dúvida o memorial da *intelligentsia* brasileira, ou pelo menos de uma fração notável de sua totalidade, contra a Censura. Se não o assinei, foi evidentemente porque não me consultaram, neste meu barco de navegador solitário e acidentado. O mesmo deve ter acontecido com muitos nomes que nele não figuram. Ora, qual foi a repercussão desse apelo de quase um milheiro de escritores e artistas nacionais? Nenhuma. A petição morreu contra um muro do mais desprezível silêncio... A tempestade de areia da censura prévia, típica de todos os regimes autocráticos, continua intangível e invencível. A voz da Inteligência continua viva, mas sem eco.

O mesmo ocorre com a voz do Trabalho. Não há país livre em que os operários não possam manifestar, por seus Sindicatos ou sua participação nos Partidos, nos Paramentos ou pela Imprensa, sua opinião. Aqui o *trabalho*, em seu significado político de participação efetiva na vida nacional, não tem vez nem voto. É uma presença passiva e invisível, que se manifesta apenas por porta-vozes que ele mesmo não escolheu expressamente. O silêncio do proletariado é um dos sinais mais trágicos do que espera, no futuro, os nossos descendentes, quando os ventos mudarem de rumo. Ou seguirem o rumo que a História nos adverte que hão de ter, mas que a nossa imprevidência não permitiu divisarmos em tempo, no horizonte.

Praticamente não existe entre nós a voz do Trabalho. Ou existe clandestina e policialmente combatida. Por isso mesmo desvirtuada por uma ideologia política totalitária, como reação perfeitamente compreensível contra esse silenciamento opressivo da sua voz livre. Quando vemos a relação profissional dos membros de todas as nossas assembleias políticas,

encontramos a notícia de advogados, de engenheiros, médicos, economistas ou radialistas, mas de nenhum operário manual. Salvo um ou outro vereador. Esse o resultado da educação elitista do nosso povo, que nos leva a essa marginalização, incompatível com o ideal de participação, autêntica e não simulada, do povo no governo das instituições. O silêncio da voz do povo, no sentido especial dos trabalhadores manuais, explica naturalmente a ausência total de um eco autêntico e pacífico de suas reivindicações. Essa é a segunda voz que falta ao nosso coro político, hoje reduzido a poucas árias monologadas ou mal dialogadas.

Quanto à ausência da terceira voz, a mocidade, também é patente. E vem sendo progressivamente silenciada a partir de 1968 e particularmente a partir do malfadado Decreto 477. Desde então, a palavra *estudante* se tornou tão suspeita à nossa polícia repressiva como a palavra *operário*. No jargão dos defensores extremados das instituições vigentes, essas duas vozes passaram a ser sinônimos de subversão latente ou patente. Mas o pior é que essa repressão policial contra a voz da mocidade, desde que tenha a ousadia de transpor os limites dos problemas exclusivamente estudantis, está corrompendo a própria juventude universitária.

Nesse fim de ano de 1976, assistimos à proliferação da escolha dos paraninfos pelas diretorias das escolas e não pelos próprios estudantes. Ou então, pior ainda, os próprios formandos, prematuramente corrompidos pela atmosfera de hedonismo e pragmatismo que nos envolve, são os primeiros a escolher Ministros de Estado para seus paraninfos, na ânsia de arranjar futuros empregos do Governo, como tivemos a prova patente em várias dessas assembleias tristemente marcadas por um aulicismo prematuro e pela ânsia de agradar às autoridades. Sinal tristíssimo da contaminação prematura dos nossos erros de adultos, por essa mocidade em que temos o dever de ainda acreditar, a despeito de tudo. A repressão contra essas três vozes, a da Inteligência, a do Trabalho e a da Mocidade, é talvez o mais grave sintoma dos nossos males presentes".

CATABIS & CATACRESES

PREDILEÇÃO ESSENCIAL POR COISAS ACIDENTAIS

1. Possa eu estar definitivamente enganado, distinto leitor, mas a soçaite, qual emerge das profundas colunas sociais, tem uma predileção essencial por coisas acidentais. Como se veraz logo mais.

2. Os atores e atrizes? Além do respectivo cronista, que dá um duro tremendo para se manter à altura ou profundidade dos eventos sociais em toda a sua inata superficialidade, temos (em amável desordem hierárquica)...

3. Momento, leitor amável. Como é surpreendentemente vária e significativa a superfície de um mundo concreto que se

isola dentro do cosmos, temos de proceder por partes (se a tanto me ajudar engenho e arte). Sendo assim, tomemos apenas a terminologia especializada nas línguas ditas sociais. Atenção, brasilino.

4. Tem francês: *dernier cri*, coleção *prêt-à-porter*, *buffet*, *ballet*, *cachet*, *tour*, etc., etc. Tem muito mais inglês: *previews*, *drink*, *cocktail*, *grandes happenings*, *show*, *shopping-center*, *marketing*, *from Belô*, *to Paris*, *love*, *stop*, etc., etc. E tudo o mais que a tola Musa canta.

5. Saiba o distintíssimo leitor que o que se divisa atrás de tanto inglês e de tan-

to francês — aliás fraca amostragem da realidade social — é o mais grave fenômeno do exibicionismo. Todo exibicionista é um superficial. Não quero dizer que seja superficial em tudo. Não, pode até ser profundíssimo em alguma ou em muita coisa.

6. Mas na estrutura espiritual todo exibicionista tem uma rachadura que vou-te contar. E é por essa rachadura que transborda a exibição. E a (parcial) superficialidade. Como a vida pode ser uma tremenda catacrese, leitor distinto. Como!

12º DOMINGO DO TEMPO COMUM (19-06-1977)

C = Comentador; L = Leitor; P = Povo; S = Sacerdote.

Cantos: Missa de Páscoa LOUVEMOS O SENHOR, Ir. Maria J. Clímaco, Ed. Paulinas.

RITO INICIAL

1 CANTO DE ENTRADA

I *Ressuscitei e ainda estou contigo, aleluia, aleluia! / Puseste sobre mim tua mão, aleluia! / Admirável é a tua sabedoria, aleluia, aleluia!*

1. Senhor, tu me provaste e me conheces / sabes da minha morte e da minha ressurreição.

2. Se tomo as asas da aurora e vou parar no fim dos mares / ainda aí a tua mão me alcança e a tua destra me segura.

2 SAUDAÇÃO

S. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

P. Amém.

S. Irmãos, o Deus da perseverança e da consolação inspire a vocês sentimentos de harmonia a exemplo de Jesus Cristo, para que com um só coração e uma só boca vocês glorifiquem a Deus, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo.

P. Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

3 SENTIDO DA MISSA

C. *Televisão e revistas trouxeram reportagens sobre novo filme da vida de Cristo; dizem que o Santo Padre gostou do filme. Entrevistado, o diretor declarou: "Vejo Jesus como um homem comum, gentil, frágil e simples". Eis uma resposta a mais para a eterna pergunta do evangelho de hoje: "O que é que o pessoal está dizendo que eu sou?" As leituras enriquecem muito a reflexão sobre Cristo como homem comum, frágil e simples. Afirmam ser inevitável que este homem comum padeça toda espécie de sofrimento. É inevitável, em nossa maneira de organizar o mundo, que o indefeso seja devorado, o pobre e o sem influência sejam riscados na lista dos que contam. Mas os que engolem qualquer jogada e crucificam o pobre no madeiro da miséria recebem paga automática: se destro a alegria, destro também a minha alegria. Consciência de culpa neutraliza a profundidade de qualquer alegria e empurra à futilidade e ao vazio: atrás de muitas máscaras, escondem-se choro e ranger de dentes. É regra de fé e de saúde mental a frase de hoje: "Quem quiser salvar a vida tem de perdê-la"; isto é, quem for capaz de doar a vida encontrará a vida em plenitude. Paulo diz o mesmo, em outras palavras: o batismo de vocês só vale se vocês forem filhos de Deus. Ser filho de Deus é ser irmão dos outros filhos de Deus; para Deus, nada pesam condições exteriores, pois o que vale é a obra de Deus: união de todos no trabalho de recriação do mundo, força feita por todos para o mundo voltar aos planos originais, engajamento de todos no movimento evangélico da justiça fraterna e do amor fraterno, na convivência dos irmãos.*

4 ATO PENITENCIAL

S. Irmãos, reconheçamos as nossas culpas, para celebrar dignamente os santos mistérios. (Ou uma exortação espontânea ao arrependimento, de acordo com o sentido da missa. Depois, pausa para revisão de vida). Confessemos os nossos pecados:

P. Confesso a Deus todo-poderoso / e a vós, irmãos, / que pequei muitas vezes / por pensamentos e palavras, atos e omissões / por minha culpa, por minha tão grande culpa (bate no peito duas vezes). / E peço à Virgem Maria / aos anjos e santos / e a vós, irmãos, / que rogueis por mim a Deus nosso Senhor.

S. Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

P. Amém.

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

S. Cristo, tende piedade de nós.

P. Cristo, tende piedade de nós.

S. Senhor, tende piedade de nós.

P. Senhor, tende piedade de nós.

5 GLÓRIA

S. Glória a Deus nas alturas,
P. e paz na terra aos homens por ele amados. / Senhor Deus, Rei dos céus,
Deus Pai todo-poderoso: / nós vos louvamos / nós vos bendizemos / nós vos adoramos / nós vos glorificamos / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo, Filho unigênito, / Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo / tende piedade de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo / acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai / tende piedade de nós. / Só vós sois o Santo / só vós o Senhor / só vós o Altíssimo, Jesus Cristo, / com o Espírito Santo / na glória de Deus Pai. Amém.

6 COLETA

S. Senhor nosso Deus, dai-nos por toda a vida a graça de vos amar e temer, pois nunca cessais de conduzir o povo que firmais no vosso amor. Por nosso Senhor Jesus Cristo vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.
P. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

7 PRIMEIRA LEITURA

I C. A primeira leitura é tirada do Profeta Zacarias (12,10-11). Os que perseguem, exploram e maltratam o filho de Deus já terão nesse mundo sua recompensa, no vazio de suas vidas.

L. Leitura do profeta Zacarias. «Assim fala o Senhor: «Naquele dia, derramarei um espírito de felicidade e de união comigo sobre a casa de Davi e sobre os habitan-

tes de Jerusalém, e eles volverão os olhos para mim. E quanto àquele que foi transpassado pela espada, eles chorarão por causa dele, como se chorá a morte de um filho único. E se lamentarão amargamente por causa dele, como se lamenta a morte do primogênito». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

8 CANTO DE MEDITAÇÃO

Aclamai ao Senhor toda terra, aleluia / aclamai ao Senhor toda terra / louvai com salmo seu augusto nome / um sublime louvor rendei a Deus / e dizei-lhe dos feitos que ele fez.

O mar se converteu em terra seca / e o rio atravessaram com os pés / alegres exultemos no Senhor / com poder ele reina todo tempo.

Vinde e escutai, vós que temeis a Deus / o bem que ele fez vos anuncio / bendito seja o meu Senhor / pois nunca rejeitou minha oração.

9 SEGUNDA LEITURA

C. A segunda leitura é tirada da Carta de Paulo aos Gálatas (3,26-29). O batismo de vocês só vale se vocês forem filhos de Deus, isto é, irmãos dos outros filhos de Deus, na realidade cotidiana.

L. Leitura da epístola de S. Paulo aos Gálatas: «Irmãos, todos vocês são filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo. Todos vocês foram batizados em Cristo e se revestiram de Cristo. Já não há diferença entre quem é judeu e quem é grego, entre quem é escravo e quem é homem livre, entre quem é homem e quem é mulher. Pois todos vocês são um só em Jesus Cristo. E se vocês pertencem a Cristo, formam a descendência de Abraão e portanto são os herdeiros das promessas de Deus». — Palavra do Senhor. P. Graças a Deus.

10 ACLAMAÇÃO

I *Aleluia, aleluia, aleluia! Cristo, nosso Cordeiro pascal, foi imolado.*

11 TERCEIRA LEITURA

C. A terceira leitura é tirada do Evangelho de Lucas (9,18-24). É inevitável que muitos filhos de Deus passem por toda espécie de sofrimento; vai encontrar sentido da vida aquele que doar-se na libertação dos irmãos.

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Evangelho de Jesus Cristo segundo Lucas.

P. Glória a vós, Senhor.

S. «Certo dia, Jesus tinha ido a um lugar à parte para orar e os discípulos estavam com ele. Afí lhes

fez esta pergunta: «Quem é que o pessoal pensa que eu sou?» Eles responderam: «Uns dizem que és João Batista; outros, que és Elias; e outros, que és algum dos profetas antigos que ressuscitou». Então Jesus perguntou: «Para vocês, quem sou eu?» Pedro respondeu: «Tu és o Enviado prometido por Deus». Jesus determinou que não dissessem a ninguém e acrescentou: «O Filho do Homem tem de sofrer muito e ser rejeitado pelas autoridades, pelos chefes dos sacerdotes e pelos mestres da Lei. Hão de matá-lo, mas no terceiro dia ele ressuscitará». Depois Jesus falou ao povo todo: «Se alguém quiser seguir-me, renuncie a si mesmo, carregue a sua cruz de cada dia e venha. Na verdade, quem quiser assegurar a sua vida há de perdê-la; mas o que perde a sua vida por minha causa há de assegurá-la». — Palavra da salvação. **P. Louvor a vós, ó Cristo.**

12 PREGAÇÃO



(Após a pregação, alguns momentos de reflexão pessoal).

13 PROFISSÃO DE FÉ



S. Creio em Deus Pai todo-poderoso,
P. criador do céu e da terra. /

E em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo / nasceu da Virgem Maria / padeceu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos / ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus / está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso / donde há de vir a julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo / na santa Igreja católica / na comunhão dos santos / na remissão dos pecados / na ressurreição da carne / na vida eterna. Amém.

14 ORAÇÃO DOS FIÉIS

S. Irmãos, as leituras ensinam ser inevitável que se cometam injustiças contra os mais fracos; ensinam que Cristo quis que sua vida transcorresse na faixa imensa dos pobres, marginalizados pela prepotência. Eleve-nos nossas orações pela justiça na convivência dos homens:

C. 1. *Pela Igreja cristã, para que não fique fazendo religião sociológica e alienante, mas encarne, no mundo injusto, o movimento evangélico libertador de Jesus Cristo, rezemos ao Senhor.*

2. *Para que a mensagem libertadora de Cristo não seja diminuída e transformada em práticas religiosas rotineiras e protecionistas, ou até em bandeiras para dividir as diversas igrejas, rezemos ao Senhor.*

3. *Pelos nossos governantes, para que vençam a tentação ingênua da onipotência e organizem o país na ordem jurídica da democracia, a fim de que sejam considerados os direitos e necessidades de todos, rezemos ao Senhor.*

4. *Para que a Igreja seja, no mundo, sinal de amor e serviço aos homens, mi-*

nimizando sempre mais os aspectos burocráticos e os procedimentos baseados nas astúcias da política humana, rezemos ao Senhor.

5. *Pelas intenções particulares desta santa missa..., rezemos ao Senhor.*

S. Senhor, nós vos apresentamos nossas necessidades, nosso sonho com um mundo melhor, nossa boa vontade de darmos o melhor de nós a este projeto, que é vosso. Ajudai-nos com a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. **P. Amém.**

LITURGIA EUCARÍSTICA

15 CANTO DO OFERTÓRIO



Cristo, nossa Páscoa, foi imolado, aleluia, aleluia! / Celebremos portanto a festa com os ázimos da sinceridade e da verdade, aleluia, aleluia!

1. *Senhor, tu me provaste e me conheces / sabes da minha morte e da minha ressurreição.*

2. *A treva diante de ti não é mais treva / a noite é tão clara como o dia.*

3. *Por esse prodígio te dou graças / admiráveis são as tuas obras.*

16 ORAÇÃO DAS OFERTAS



S. Orai, irmãos, para que o nosso sacrifício seja aceito por Deus Pai todo-poderoso.

P. *Receba o Senhor por tuas mãos este sacrifício / para a glória do seu nome / para o nosso bem e de toda a santa Igreja.*

S. Oremos: Senhor Deus, acolhei este sacrifício de reconciliação e de louvor; fazei que, purificados por ele, possamos oferecer-vos um coração que vos agrade. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. **P. Amém.**

17 PREFÁCIO (próprio)

18 ORAÇÃO EUCARÍSTICA



(A oração eucarística compete ao sacerdote somente. Após a consagração):

S. Eis o mistério da fé.

P. *Todas as vezes que comemos deste pão e bebemos deste cálice / anunciamos, Senhor, a vossa morte / enquanto esperamos a vossa vinda.*

19 CANTO DA COMUNHÃO



Eu sou o vosso pão / quem come deste pão não vai morrer de fome / mas vai viver de fé / de fé e de esperança.

Tua palavra é nosso pão, a nossa vida, a nossa luz / tua palavra é caminho / que leva ao Pai por ti, Jesus.

Eu sou a vossa lei / quem vive nesta lei não vai andar no escuro / mas vai viver no claro / vai ter a luz da vida. Eu sou a vossa paz / quem vive nesta paz não fecha a porta ao outro / mas abre o coração / a quem o procurar.

20 AÇÃO DE GRAÇAS



S. Senhor Deus, fomos renovados pelo Corpo e Sangue do vosso Filho e, no fim deste encontro, vos pedimos: ajudai-nos a resgatar

do egoísmo nossas boas qualidades pessoais e pô-las a serviço da vida melhor e mais digna para nossos irmãos, pois queremos receber a recompensa eterna dos que sofrem e lutam pela justiça. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, na unidade do Espírito Santo. **P. Amém.**

RITO FINAL

21 MENSAGEM PARA A VIDA



(Após as comunicações de interesse para a comunidade).

C. *Após estudar alguns anos para fazer o filme, o cineasta respondeu a seu modo à pergunta do evangelho e viu em Jesus um homem comum, gentil, frágil e simples. Não é hora de discutir a opinião, que é experiência pessoal e a gente respeita. Até se enriquece com ela: onde está Jesus Cristo? Podemos dizer que está nas pessoas comuns, nas pessoas frágeis e simples. A pessoa dos pequenos é a presença de Cristo no mundo: é mais enriquecedor e evangélico vê-lo nessas pessoas do que em fantasias religiosas particulares. Pelo fato de serem pequenos e não contarem, os homens comuns, frágeis e simples, levam sobre os ombros a carga das injustiças da organização social, baseada no egoísmo, na astúcia, no lucro e na vantagem. O homem comum continua a percorrer o mesmo caminho do Cristo-homem-comum e a sofrer a mesma sorte. Nesse homem comum, Deus colocou sua única presença que pode ser encontrada sem equívoco; no homem comum sofrido, Deus colocou sua única presença que precisa de alguma coisa de nós: os louvores que damos a Deus pouco adiantam a Deus e muito adiantam a nós; a preocupação pela justiça, a intolerância diante da injustiça, a caridade fraterna na convivência e a disponibilidade para servir são realmente os favores que requisita de nós a presença de Deus em nosso próximo. Tal serviço é muito duro, por isso dele não chega nem perto a fantasia religiosa.*

22 CANTO FINAL

Felizmente confortados com o pão da eucaristia / vamos pra casa levando as lições da liturgia.

Ressuscitou, venceu a morte / o pecado e todo mal / aleluia, viva Cristo / viva o mistério pascal.

Vida nova, eis a mensagem! / Sendo Cristo nosso guia / triunfaremos da tristeza / paz teremos e alegria.

Limpos de ressentimentos / na verdade e retidão / viveremos nossa Páscoa / como deve um bom cristão.

23 BÊNÇÃO FINAL

S. O Senhor esteja convosco.

P. Ele está no meio de nós.

S. Abençoe-vos o Deus todo-poderoso Pai e Filho e Espírito Santo. **P. Amém.**

S. Vamos em paz e o Senhor nos acompanhe. **P. Amém.**

Leituras para a Semana:

Segunda-feira: Gn 12,1-9; Mt 7,1-5 /

Terça-feira: Gn 13,2,5-18; Mt 7,6,12-14 /

Quarta-feira: Gn 15,1-12,17-18; Mt 7,15-

20 / Quinta-feira: Gn 16,1-12,15-16; Mt

7,21-29 / Sexta-feira: Is 49,1-6; At 13,

22-26; Lc 1,57-66,80 / Sábado: Gn 18,

1-15; Mt 8,5-17.

1. A cara é terrosa. Nos olhos a mansidão de boi manso. Olhos tristes que brilham, olhando chuva, olhando sol, sempre luzindo esperança, olhos de sempre criança, eis os olhos de Micol. Micol nasceu sonhador, Micol nasceu sofrimento. Viverá somente dor? Apenas homem-jumento? Micol nasceu na clareira da cidade grande e rica. Que quer dizer: na clareira? Na cidade de mil gozos, de mil fúteis, a clareira não tem água, não tem luz. Não tem mestre, não tem padre. Não tem doutor nem juiz. Somente o resto. Que resta?

2. Mas crescendo para a vida, sempre cercado de restos, Micol respira e suspira: eu quero ser jornalista. Tu jornalista, Micol? Não: falando em jornalista, queres dizer jornalista, destes que vão pelas ruas, vendendo notícias, vendendo matanças, vendendo misérias, vendendo esperanças. Micol me diz que precisa pra logo duzentos contos. Diz sorrindo, diz feliz. Somente duzentos cruzas. Pra comprá jorná, cinqüenta ou sessenta. Jorná do Brasi, o Grobo e o Dia. Vendo tudo e depois ganho uns trinta cruza por dia.

3. E os olhos brilham de gozo. Que a muié está com ulça, acabada que fais dó, e os menino tá com fome. Mas vendendo meus jorná, tudo em casa vai mudá. Vou comprá café e pão, arroz, farinha e feijão. E me olha com os olhos mansos, sem qualquer ressentimento. Olhos que são de criança, transbordantes de esperança (será mesmo homem-jumento?). Tomas feliz o dinheiro, jornalista? jornalista? Pouco importa. A manipações e a palhaços vais levar, com teus jornais o teu sol, teus olhos mansos, Micol, abertos de par em par. (A. H.)

DOIS JUMBOS SE CHOCAM: ONDE FICA A PROVIDÊNCIA?

O mal: problema desesperador — tentativa de explicação — o mal transcende nossa vã filosofia — destino? — Divina Providência — Deus — Jesus Cristo — Deus é Pai — Levanta-se o véu do mistério da iniquidade.

A Folha: *D. Adriano, há uns meses atrás chocaram-se dois grandes aviões, dois Jumbos, no aeroporto de Tenerife, nas ilhas Canárias. Morreram cerca de 570 pessoas, num desastre estúpido que foi o maior da história da aviação até agora. Uma revista semanal perguntava: "Quem foi o culpado? O piloto holandês que morreu...? O piloto americano... que escapou...? A torre de controle? Ou o chamado destino?" Como é que nós cristãos nos colocamos diante de um fato destes? Como combiná-lo com a Divina Providência, com o amor de Deus?*

D. Adriano: Todas as vezes que o mal acontece, sobretudo na forma de catástrofes, aí nos encontramos diante de um problema humanamente insolúvel e desesperador. Sim, temos o direito de perguntar: mas por quê? E conforme as mentalidades há quem, como a revista, se lembre de atribuir a culpa ao destino ou há quem, sendo cristão, desafie a seu modo o que julga ser a Divina Providência.

Poderei tentar uma resposta? E uma resposta muito humilde.

A primeira coisa que me ocorre lembrar é o seguinte: humanamente não há nenhuma resposta satisfatória para o problema do Mal em qualquer dos seus aspectos. O Mal transcende a nossa vã filosofia, as nossas conjecturas e hipóteses. Podemos por vezes achar culpados. Talvez no caso dos Jumbos haja algum culpado ou alguns culpados por irresponsabilidade, por fraqueza, por falta de comunicação, por deficiência técnica, etc., etc. Mas o problema do Mal, ainda que se achem e se castiguem os culpados, ultrapassa de muito a realidade humana. O castigo não pertence também à categoria do Mal? Se não aceitarmos, ao menos como hipótese, uma

categoria ou uma dimensão transcendente, isto é: fora das realidades humanas e materiais, estaremos num beco sem saída.

Um beco sem saída é também o apelo ao chamado Destino, como força cega e como explicação alienante do inexplicável. Diante do impasse, o homem fecha os olhos e a inteligência, fecha-se e diz: foi o destino, foi a sorte. E nessa explicação acha uma resposta que não resolve mas acalma. O Destino pertence à categoria dos mitos, com alguma coisa de verdade e com muita deformação mistificante.

Aqui podemos mencionar a Divina Providência. Para muitos a Providência é apenas o Destino com um nome tomado da reflexão cristã. Também um novo mito para encobrir manipulações dos poderosos, como sucedia por exemplo no Nazismo, ou para justificar omissões e irresponsabilidades numa ordem social aparentemente cristã.

Se falamos de Providência Divina, falamos de Deus. E quando falamos de Deus, temos de falar de Jesus Cristo. Pois a revelação de Deus culmina e assume sua forma perfeita e acabada na revelação de Jesus Cristo. Daí por que a Filipe que pedia: "Mostra-nos o Pai", Jesus responde: "Há tanto tempo que estou com vocês e vocês não me conheceram. Filipe, aquele que me vê, vê também o Pai" (cf. Jo 14,8-11). Noutra passagem Jesus afirma: "Eu e o Pai somos um" (Jo 10,30).

Para termos uma idéia aproximada de Deus, o caminho mais certo é o que nos aponta a melhor tradição do Antigo Testamento e que Jesus Cristo confirmou, aprofundou e aclarou definitivamente: Deus é nosso Pai. Certo, a metáfora ou imagem de pai deveria ser enriquecida com a imagem de mãe, com toda a riqueza e com todas as sugestões que ambas nos oferecem.

A partir do pai-nosso — no qual Jesus Cristo resume de maneira admirável todo o relacionamento do homem com Deus e dos homens entre si — é bem possível que vá-se levantando para nós o véu do mistério da iniquidade.

LITURGIA E VIDA

SENHOR, TENDE PIEDADE DE NÓS!

Se não foi incorporado ao ato penitencial, logo depois do ato penitencial, ou melhor, da absolvição geral (Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, etc.) segue o grito humilde de misericórdia: "Senhor, tende piedade de nós", "Cristo, tende piedade de nós", "Senhor, tende piedade de nós", dito pelo celebrante e repetido pelo povo.

As três invocações se dirigem a Jesus Cristo (e não às três Pessoas da Santíssima Trindade, como alguns pensam). É claro que podem ser cantadas.

Depois do ato penitencial parece ser uma duplicata rezar o Kyrie, Christe, Kyrie. Mas de fato esta tríplice invocação do Salvador dos homens não é em primeiro lugar arrependimento, conversão, mas um ato de profunda confiança, de profundo amor, de fé viva, que pode ser pronunciado por todos nós,

inclusive pelos cristãos de santidade mais intensa. Como o mais miserável dos pecadores, também Maria Santíssima estava em condições de dizer para o seu divino filho: "Senhor, Cristo, Senhor, tenha piedade de mim". Como expressão de fé, de esperança e de amor. Daí por que não se deve suprimir a tríplice invocação Senhor... Cristo... Senhor (cada vez repetida duas vezes), como expressão de todo o nosso amor a Jesus Cristo. Aqui nos lembramos naturalmente das passagens do evangelho em que a grande compaixão, a grande misericórdia, o grande amor de Jesus Cristo é invocado: "Filho de Davi, tenha piedade de mim" (cf. Mc 10,47; Lc 18,38.39). O Kyrie é o louvor da misericórdia de Jesus Cristo que se oferece à fragilidade angustiada da humanidade.